

# UMA TRÍADE BOTÂNICA NA PAISAGEM OITOCENTISTA PORTUENSE:

## JARDINS E HORTOS DE EXCELÊNCIA CIENTÍFICA E ECONÓMICA

CRISTIANA VIEIRA\*  
ANA CATARINA ANTUNES\*\*  
SÓNIA FARIA\*\*\*

**Resumo:** *O presente trabalho explora o reconhecimento do genius loci passado e atual de três espaços do centro da cidade do Porto como representações remanescentes e transformadas de espaços com missões botânicas distintas, interligadas e pertinentes na paisagem oitocentista da cidade. Através da exploração de fontes deixadas pelos intervenientes ou testemunhos gráficos da paisagem urbana entre 1850 até à atualidade destes locais (etno-)botânicos, explora-se como os intervenientes e espaços do Jardim Botânico da Academia Polythecnica do Porto, o Horto-pharmacêutico da Botica da Hospital Real de Santo António e o Horto das Virtudes se influenciaram. Por outro lado, demonstra-se como estes espaços determinaram uma época de especial interesse pela Botânica que não se voltaria a repetir na história da cidade e da sua população.*

**Palavras-chave:** *botânica; farmácia; horticultura.*

**Abstract:** *The present work explores the recognition of the past and present genius loci of three spaces of Porto city center as remaining and transformed representations of spaces with distinct, interconnected and pertinent botanical missions in the nineteenth century landscape of the city. Through the exploration of sources left by the interveners or graphic testimonies of the urban landscape from 1850 to the present day of these (ethno-)botanical spaces, we explore how the interveners and spaces of the Jardim Botânico da Academia Polythecnica do Porto, the Horto-pharmacêutico da Botica da Hospital Real de Santo António and the Horto das Virtudes mutually influenced. On the other hand, it is demonstrated how these spaces determined a time of special interest in botany that would not be repeated in the history of the city and its population.*

**Keywords:** *botany; pharmacy; horticulture.*

## INTRODUÇÃO

### O CULTO E A CULTURA DAS PLANTAS NO PORTO

No século XIX, o Porto protagonizou uma assinalável dinâmica ao nível da Horticultura (entendida como a arte de cultivar, multiplicar e aclimatar as plantas) até

---

\* Museu de História Natural e da Ciência da Universidade do Porto (MHNC-UP /UPorto/PRISC), Praça Gomes Teixeira, 4099-002 Porto, Portugal. cvieira@mhnc.up.pt.

\*\* Faculdade de Ciências da Universidade do Porto (FCUP), Rua do Campo Alegre, s/n, 4169-007 Porto, Portugal. ana.catarina.antunes@gmail.com.

\*\*\* Museu do Centro Hospitalar do Porto, Largo Professor Abel Salazar, 4099-001 Porto, Portugal. soniafaria.museu@chporto.min-saude.pt.

então desconhecida<sup>1</sup>. Esta dinâmica refletiu-se na criação de hortos para produção e venda de plantas. A par desta atividade comercial, os horticultores organizavam debates e exposições botânicas e publicavam periódicos hortícolas. Foi também notável a proliferação de jardins públicos e privados, o avanço no conhecimento e carinho pela botânica, na publicação e divulgação de obras de carácter científico e na realização de exposições e concursos de plantas. Aliás, a aura romântica que caracterizou o Porto do século XIX ficou muito a dever ao gosto pelos jardins e à prática da jardinagem e, por sua vez, os jardins foram também uma oportunidade para a celebração dos ideais liberais e românticos. Este período é marcado pela construção do Palácio de Cristal inaugurado em 1865<sup>2</sup>. De facto, em Oitocentos, ao enorme interesse em descrever o mundo natural através da sistemática botânica, alia-se o conhecimento etnobotânico vindo a acumular há vários séculos por boticários e farmacêuticos, e junta-se o gosto pelo valor ornamental das plantas exóticas que enriquecem coleções e jardins de recreio na cidade do Porto.

Na década de 1870, a botânica no Porto assume já uma maturidade significativa para se realizar um debate alargado e informado sobre as plantas do ponto de vista científico e económico, envolvendo não só académicos, boticários/farmacêuticos e horticultores/jardineiros, bem como cidadãos interessados, como os botânicos amadores que faziam parte da Sociedade d'Instrução do Porto. Estas figuras foram coletores de plantas para herbários<sup>3</sup> e responsáveis por artigos de vários periódicos científicos.

Na década de 1880 inicia-se uma intensa intervenção urbana, que duraria até ao início do século XX, com a construção de jardins públicos e praças ajardinadas que se mantiveram como a única rede de espaços verdes públicos até aos fins do século XX<sup>4</sup>. Este trabalho apresenta os esforços de caracterização de três espaços – o Jardim Botânico da Academia Polytechnica do Porto, o Horto-pharmacêutico da Botica do Hospital Real de Santo António e o Horto das Virtudes, criados em meados de Oitocentos com missões botânicas distintas, interligadas e pertinentes na paisagem oitocentista da cidade: a botânica, a farmácia e a horticultura.

## METODOLOGIA

As evidências sobre a criação oficial e existência dos espaços aqui explorados foram pesquisadas em várias fontes, nomeadamente manuscritos e espécimes existentes na coleção de Herbário do Museu de História Natural e da Ciência da

---

1 MARQUES, 2012a: 445.

2 ANDRESEN & MARQUES, 2001: 55.

3 SAMPAIO, 1896: 150.

4 MARQUES, 2012b: 449.

Universidade do Porto; Anuários da Academia Polytechnica do Porto; dissertações ou publicações de teses universitárias; prefácios de livros; adendas relacionadas ao assunto; Cadernos de Gastos e Contratos de Pessoal dos Repositórios da Universidade do Porto; Fundo Histórico do Hospital de Santo António; Publicações como a Gazeta Médica do Hospital de Santo António; Relatórios da Mesa Administrativa da Santa Casa da Misericórdia do Porto e da Direção do Hospital de Santo António; e Jornal de Horticultura Prática. Foram ainda consultados fundos documentais e fotográficos disponíveis *online*.

## RESULTADOS

### PERSONAGENS

Muitas das personagens envolvidas na tríade botânica aqui apresentada eram distintos estudiosos da botânica, horticultura e farmacêutica e contribuíram não só para o início de preciosas coleções de plantas vivas (jardins) como também de coleções desidratadas (herbários) que viriam a ser o embrião do «Herbário da Academia Polytechnica do Porto». Alguns destes botânicos (do que se conhece, na sua maioria homens), possuíam uma formação universitária nacional (na Universidade de Coimbra ou na Academia Polytechnica de Lisboa) ou tinham tido formação no estrangeiro por ligações pessoais ou profissionais.

O ensino institucional especializado da Botânica na cidade do Porto começou na Academia Real da Marinha e do Comércio e iniciou-se em 1819, regido pelo Dr. Agostinho Silveira Pinto, como parte do Curso de Agricultura, um curso vital para muitos dos negócios que caracterizavam a zona norte de Portugal. Em 1836, a 10.<sup>a</sup> cadeira, denominada «Botânica, Agricultura, Metalurgia e Arte de Minas», era agora regida pelo portuense naturalista, médico e botânico, António da Costa de Paiva, o Barão de Castelo de Paiva. No entanto, um ataque de tuberculose pulmonar afastou-o da cátedra, passando a residir na ilha da Madeira a partir de 1855, tendo-se mais tarde jubilado com a categoria de lente por decreto de 31 de dezembro de 1858<sup>5</sup>. José António de Aguiar (1812-1850), Lente de Química nomeado em 1838, farmacêutico e aficionado de várias áreas das ciências naturais substituiu frequentemente o Barão de Castelo de Paiva. Como a Academia não tinha um Jardim Botânico, este lente herborizava na cidade e seus arredores. Muitas vezes também acompanhou o Barão Castelo de Paiva ao campo com seus discípulos e regeu a Botânica<sup>6</sup>.

---

<sup>5</sup> PIRES DE LIMA, 1937: 30.

<sup>6</sup> PIRES DE LIMA, 1937: 31.

Em 1851, e durante os seguintes 39 anos, Francisco Salles Gomes Cardoso sucedeu a José António de Aguiar e ao Barão Castelo de Paiva, como Lente Proprietário da 10.<sup>a</sup> Cadeira – «Botânica, Agricultura, Metalurgia e Artes de Minas» (renomeada «Botânica» com a reforma da Academia de 1885). Na década de 1880, Salles Cardoso regia Cursos da Academia Polytechnica, onde o conhecimento botânico ou etnobotânico era basilar ao desempenho da profissão. Este Lente ministrava aulas teóricas e práticas nos espaços do Jardim Botânico da Academia Polytechnica, do qual também era o Diretor e o qual apenas abandonou em 1890, sendo substituído por Amândio Gonçalves<sup>7</sup>.

Paralelamente, o horticultor José Marques Loureiro, relacionava-se com um grande numero de botânicos e horticultores estrangeiros (Ambroise Verschaffelt e Van Houtte, os dois grandes horticultores de Gand), e atraiu a simpatia da maior parte dos interessados na horticultura nacional e internacional. Durante mais de quarenta anos, conseguiu despertar no público o amor pela horticultura e implantar uma indústria que beneficiava da amenidade do clima portuense, incomparavelmente superior ao da Bélgica, da Holanda ou Inglaterra, onde a horticultura contribuía para o aumento e riqueza daqueles países<sup>8</sup>. Dizia-se que era dotado de um génio empreendedor e as notas biográficas revelam a determinação, talento natural e sensibilidade para o mundo das plantas, mas também a relação privilegiada que estabeleceu com a elite intelectual ligada ao estudo da Botânica e da Horticultura. Estes aspetos foram decisivos para o nível de prestígio do seu viveiro e das suas realizações<sup>9</sup>. No seu estabelecimento, Marques Loureiro reúne um impressionante número de colaboradores nacionais – como Jeronymo Monteiro da Costa que se tornaria o Diretor dos Jardins na Câmara Municipal do Porto em 1888; e estrangeiros – nomes como Emílio David, Thomas Staley e Edmond Knott; dedicando-se assim não só à produção de plantas no Horto, mas também ao desenho e construção de projetos de jardins.

O farmacêutico Agostinho da Silva Vieira é digno de ser mencionado como uma personagem transversal a esta tríade botânica. Tomou posse como farmacêutico do Hospital de Santo António em janeiro de 1855. Os seus serviços e o seu zelo eram exemplares e introduziu úteis e valiosos equipamentos para um melhor funcionamento do Hospital. Em 1860, quando já era Administrador da Botica e do Horto-pharmacêutico do Hospital de Santo António, foi nomeado como 1.<sup>o</sup> Oficial do Jardim Botânico da Academia Polytechnica e compilou uma valiosa coleção de sementes. Em 1875, 15 anos após nomeação como 1.<sup>o</sup> Oficial do Jardim, pede exoneração do cargo por ter sido nomeado Lente da 4.<sup>a</sup> Cadeira do Instituto Industrial do Porto, a convite do seu Diretor Gustavo Adolpho

---

<sup>7</sup> CABRAL, 2007: 17.

<sup>8</sup> OLIVEIRA JUNIOR, 1898: 275.

<sup>9</sup> MARQUES, 2012a: 43.

Gonçalves e Sousa<sup>10</sup>. Concomitantemente, pede a exoneração no Hospital de Santo António, após 20 anos de Direção da Botica do Hospital, tomando posse, em outubro de 1875, do lugar de Lente de Química e Física no Instituto Industrial. Agostinho da Silva Vieira foi substituído pelo farmacêutico de 1.<sup>a</sup> classe, Augusto Teixeira Barroso, na direção da Botica e do Horto-pharmacêutico e por Joaquim Casimiro Barbosa, seu discípulo de longa data à altura, no lugar de 1.<sup>o</sup> Oficial do Jardim Botânico da Academia Polytechnica.

Joaquim Casimiro Barbosa concluiu o curso de farmacêutica na Escola Médico-Cirúrgica do Porto em 1861. Foi naturalista, colecionador, colaborador do «Jornal de Horticultura Prática» e «Jornal Hortícola-Agrícola», escritor de livros botânicos, e membro de várias Sociedades Farmacêuticas<sup>11</sup>. Há o registo que, como aluno, todas as manhãs se deslocava ao Jardim para estudar e auxiliar o 1.<sup>o</sup> Oficial Agostinho da Silva Vieira na classificação e coordenação das plantas do Jardim, aprendendo taxonomia e ajudando nos transplantes e plantações. Foi nomeado 1.<sup>o</sup> Oficial interino do Jardim Botânico em 1875. Foi também membro da Real Companhia Hortícola-Agrícola Portuense e manteve-se ligado à cadeira de Botânica, lecionada na Academia Polytechnica do Porto, pelo menos até 1911. Foi autor de várias publicações botânicas e funcionário da Câmara Municipal do Porto, sendo, em 1913, nomeado chefe de Serviço dos Jardins e Arvoredos.

Em 1901, após a morte de Salles Cardoso e a nomeação de Lente da Botânica de Amândio Gonçalves, Gonçalo António da Silva Ferreira Sampaio, ainda aluno da Academia Polytechnica do Porto, foi nomeado naturalista adjunto da secção de botânica do estabelecimento Jardim Botânico da Academia. Gonçalo Sampaio continua envolvido no Jardim, mas aposta nas herborizações com ainda maior intensidade do que no transplante vivo de plantas.

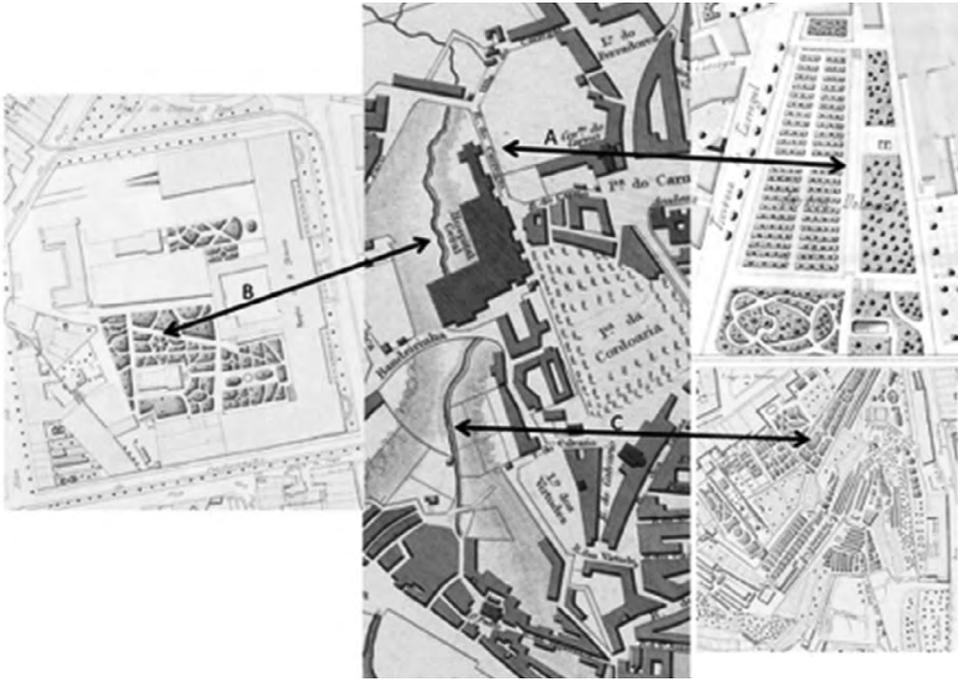
## OS ESPAÇOS DA TRÍADE

A planta topográfica da cidade do Porto de 1813 revela que os três espaços que serão discutidos neste trabalho estão localizados na bacia hidrográfica do Rio Frio (ou Rio das Virtudes). Esses espaços sofreram bastantes transformações durante o século XIX e, de terrenos incultos e indefinidos, pantanosos ou em fragas patententes nas representações do início do século XIX, passaram a espaços cultivados com socalcos e/ou áreas ajardinadas bem definidas, ainda que com índoles e missões diferentes (Figura 1).

---

<sup>10</sup> ANÓNIMO, 1913: 535.

<sup>11</sup> PIRES DE LIMA, 1942: 14.



**Fig. 1.** Evolução dos espaços correspondentes ao Jardim Botânico da Academia Polytechnica do Porto (A), o Horto-pharmacêutico da Botica da Hospital de Santo António (B) e o Horto das Virtudes (C) em 1833 (mapa em tons de cinzento) e entre 1880 e 1892 (mapas a cores) <sup>12</sup>.

## 1857: HORTO DA BOTICA DO HOSPITAL DE SANTO ANTÓNIO

### HISTÓRIA

Em 1850, a Botica do Hospital de Santo António era já uma importante dependência para a Santa Casa da Misericórdia do Porto, a entidade gestora do Hospital. Em 1857, por iniciativa e engenho do Farmacêutico Administrador Agostinho da Silva Vieira (1825-1899), foi criado o «Horto-pharmacêutico» (também designado por «jardim botânico do Hospital»). O local escolhido foi a cerca, em frente à Capela, onde se localizava o antigo cemitério do Hospital que deixara de ter função desde que, em 1853, os cadáveres do Hospital seguiam para o Cemitério Público. Nesse terreno, propunham-se obras para criar um jardim

<sup>12</sup> Planta em tons de cinzento: Oporto. Porto. Published under the superintendence of the Society for the Diffusion of Useful Knowledge. Drawn by W.B. Clarke, archt. Engraved by J. Henshall. Published by Baldwin & Cradock, 1:80,000. (<https://www.davidrumsey.com/>). Plantas a cores: Extratos das quadrículas 235, 236 e 237 da Planta Topográfica da cidade do Porto, à escala 1:500, levantada sob direção de Augusto Gerardo Teles Ferreira entre 1880 e 1892 (<http://gisaweb.cm-porto.pt/>).

para produção de plantas medicinais – isto permitiria compensar custos de compra de plantas e obter plantas em estado fresco, como defendia Agostinho da Silva Vieira, o farmacêutico do Hospital. Por outro lado, a melhoria em termos de higiene pública passaria também pela reconversão da índole pantanosa do campo/antigo cemitério do hospital. Deste modo, em 1857 apostou-se na drenagem dos terrenos, que correspondiam às margens do Rio Frio (Figura 2).



**Fig. 2.** Hospital de Santo António 1849-1859: vista posterior da zona de pré-plantação do Horto-pharmacêutico (na faixa inferior da imagem, canto direito, vemos o telhado da Capela, encimado por duas cruzes, e em frente o Campo do Hospital, descrito por Agostinho da Silva Vieira como local concessionado para o Horto-pharmacêutico do Hospital<sup>13</sup>).

A cultura dos produtos do Horto-pharmacêutico surgia assim como mais uma melhoria no funcionamento e rendimento do Hospital. No mapa elaborado por Agostinho Viera em 4 de julho de 1857, surgiam como principais produtos deste Horto as sementes de rícinos, flor de tília, rosas, beladona, casca de raiz de romeira, alfazema e dormideiras<sup>14</sup>. No relatório de 1858/59 já constava do rendimento da Botica 31\$435 reis produzidos pelo Horto-pharmacêutico, louvando-se o farmacêutico Agostinho da Silva Vieira por tal valor<sup>15</sup>. Nos anos seguintes a Botica continuaria a fornecer remédios não só para o Hospital e para outros estabelecimentos assistenciais da Santa Casa da Misericórdia do Porto (Hospitais menores, Recolhimentos, Asilos e Enfermarias da Cadeia), mas também a particulares e chegaria mesmo a disponibilizar remédios gratuitos a desvalidos.

<sup>13</sup> (Fonte: Direção-Geral do Património Cultural / Arquivo de Documentação Fotográfica (DGPC/ADF). Calótipo de Frederick William Flower).

<sup>14</sup> SANTA CASA DA MISERICÓRDIA DO PORTO, 1856-1857: mapa n.º 12.

<sup>15</sup> SANTA CASA DA MISERICÓRDIA DO PORTO, 1858-1859: 39.

## MISSÃO

O farmacêutico Agostinho da Silva Vieira defendia que um jardim farmacêutico numa farmácia era um complemento importante em estabelecimentos com a índole do Hospital de Santo António. O objetivo era o cultivo de plantas apenas utilizáveis no estado fresco para a extração total das suas propriedades medicinais. Para além disso, a plantação de plantas fruteiras ou ornamentais permitiria também aumento de receita ou proporcionar zonas de recreação aos pacientes<sup>16</sup>. De facto, o terreno seria cultivado durante vários anos para os fins mencionados, criando-se inclusive alguma fonte de receita, apesar de modesta comparativamente com a despesa total da Botica que contava com despesas de drogas, utensílios vários e ordenados.

## PLANTAÇÕES E CULTIVOS

Tendo em vista conciliar a existência de certas plantas medicinais com o embelezamento do recinto, mandou-se plantar mais de 50 espécies medicinais, para além de algumas plantas de puro recreio, principalmente em volta da Capela. Nas margens do Horto-pharmacêutico, principalmente na parte norte, foram plantados pés de tília, e os ângulos dos passeios foram cultivados com alfazema, romãzeiras e marmeleiros. Nos extremos junto das paredes foram plantados roseiras e limoeiros e pelo centro dos alegretes e noutros pontos apropriados a beladona, as dormideiras, o açafraão, o rícino, o meimendro, o absinto. Na Gazeta Médica de 1859 apresentou-se um catálogo preliminar das plantas medicinais e ornamentais existentes, incluindo os citrinos, as mostardas, as cidreiras e mentas, as salvas, o estramónio, as verbenas e violetas clássicas em qualquer horto medicinal<sup>17</sup>. No regulamento interno da Botica do Hospital Real de Santo António da Cidade do Porto de 1865 surge um capítulo dedicado às funções de cada empregado da Botica – ao Jornaleiro cabia a cultura, limpeza e asseio do Horto-pharmacêutico e Botica. Também eram suas funções semanais o processamento de óleos de linhaça, amêndoa e rícino, que tanto poderiam ser comprados ou obtidos no Horto<sup>18</sup>.

---

<sup>16</sup> VIEIRA, 1859: 44.

<sup>17</sup> VIEIRA, 1859: 45.

<sup>18</sup> VIEIRA, 1865: 9-11.

## 1863: HORTO REAL DAS VIRTUDES

### HISTÓRIA

O Horto das Virtudes, começou por ser a Quinta das Virtudes, mandada construir na segunda metade do século XVIII por José Pinto de Meirelles, Capitão-mor de Rebordães e senhor da Quinta de Manguela. Já no século XIX, a propriedade foi vendida a Pedro Marques Rodrigues, um apaixonado pela horticultura, que transformou a Quinta das Virtudes num espaço de produção hortícola, onde se cultivavam as plantas que estavam, à época, na moda, como as japoneiras e os alecrins. Em 1844, José Marques Loureiro (1830-1898) entra ao serviço do Horto de Pedro Rodrigues, com quem aprenderia a arte da horticultura. Desde esse momento e até 1863, quando lhe é proposto que assuma a gestão do Horto, manteve-se sempre atento a novidades hortícolas para Portugal. Nas mãos de Marques Loureiro, o Horto das Virtudes transforma-se num centro difusor do conhecimento botânico e da horticultura ornamental, não só na cidade do Porto, mas também em Lisboa, onde chegou a abrir um estabelecimento em 1874<sup>19</sup>.

A partir de meados de Oitocentos, o Horto teve uma presença notável na promoção da horticultura, no gosto pelas plantas e na construção dos jardins públicos do Porto<sup>20</sup>. Era reconhecido como o «viveiro com a coleção de plantas, de estufa e de exterior, mais extraordinária constituída até à data no país»<sup>21</sup>. Pelas relações nacionais e internacionais que Marques Loureiro criou, tais como com os Hortos de Gand, na Bélgica, o Horto das Virtudes, «assumiu visibilidade ao nível internacional e marcou o início de uma nova era na cidade»<sup>22</sup>. O protagonismo foi atestado em 1865 com a nomeação do Horto como fornecedor da casa de Sua Majestade a Rainha D. Maria Pia<sup>23</sup>.

Já no final do século XIX, em 1890, Marques Loureiro forma uma nova sociedade, a Real Companhia Hortícola-Agrícola Portuense. Esta sociedade resulta da fusão do Horto das Virtudes com o estabelecimento de Jeronymo Monteiro da Costa, antigo funcionário de Marques Loureiro.

### MISSÃO

José Marques Loureiro representa um marco na história da horticultura ornamental em Portugal. Não fundou uma escola prática de horticultura, como aconteceu noutros hortos congéneres na Europa, mas juntamente com os jardi-

---

<sup>19</sup> ANDRESEN & MARQUES, 2001: 59.

<sup>20</sup> MARQUES, 2012b: 445.

<sup>21</sup> MARQUES, 2012a: 41

<sup>22</sup> MARQUES, 2012b: 447.

<sup>23</sup> OLIVEIRA JUNIOR, 1898: 277.

neiros paisagistas com quem trabalhou (destaca-se Emílio David), fundou uma “escola informal” de projetistas de jardins e horticultores no Porto, os quais viriam a ter um papel decisivo e de significativa dimensão na construção de espaços ajardinados um pouco por todo o país<sup>24</sup>.

No seu Horto, Marques Loureiro organizou diversas exposições horticolas que promoveram a divulgação de novas espécies e variedades de plantas para espaços ajardinados, mas também para espaços de produção hortícola<sup>25</sup>. Por outro lado, o Horto era também o núcleo agregador de discussões que resultaram no projeto editorial de Marques Loureiro com José Duarte de Oliveira Júnior (1848-1927) – o *Jornal de Horticultura Prática*, de 1870 a 1892, ao que sucedeu o *Jornal Hortícola-Agrícola*, de 1893 a 1906. Tais periódicos constituem registos fundamentais da prática da horticultura e da arte dos jardins do século XIX, apresentados como uma «aventura editorial inédita em Portugal»<sup>26</sup>, inscritos numa corrente internacional de propaganda hortícola e botânica com significativos contributos de colaboradores nacionais<sup>27</sup>. Estes periódicos foram um instrumento difusor, por excelência, das novas ideias sobre os jardins, as novidades florísticas e os cuidados inerentes, os instrumentos de jardinagem, a silvicultura, a botânica e tantos outros assuntos.

## PLANTAÇÕES E CULTIVOS

Com um profundo conhecimento e paixão pelas plantas, Marques Loureiro é lembrado pela qualidade e diversidade das suas coleções de plantas e pela dinâmica que soube imprimir à horticultura nacional. Em 1865 lançou o primeiro catálogo do viveiro do Horto das Virtudes na 1.ª Exposição Internacional realizada em Portugal, no recém-criado Palácio de Cristal do Porto. Desde cedo impressionou a sociedade portuense e lisboeta com o seu trabalho que foi reconhecido e premiado.

São várias as descrições do Horto das Virtudes publicadas no *Jornal de Horticultura Prática* e alguns registos fotográficos que nos permitem ficar a conhecer este magnífico espaço de produção de plantas que se destacou no Porto de Oitocentos (Figura 4). São também inúmeros os catálogos de plantas produzidos por Marques Loureiro que possibilitam reconstituir o que terá sido um espaço de grande diversidade e exotismo vegetal onde as melhores coleções de plantas importadas se poderiam encontrar e admirar<sup>28</sup>.

---

<sup>24</sup> ANTUNES, 2019: 31.

<sup>25</sup> MARQUES, 2012a: 44.

<sup>26</sup> MARQUES, 2012b: 447.

<sup>27</sup> MARQUES, 2012b: 447.

<sup>28</sup> MARQUES, 2012b: 447.



**Fig. 3.** Real Companhia Hortícola-Agrícola Portuense. Várias perspetivas do Horto. Cultivo e rega das plantas, nos jardins e nas pequenas estufas. Como pano de fundo, os edifícios da Rua da Restauração, o Hospital de Santo António, o antigo Mercado do Peixe e o Rio Douro<sup>29</sup>.

As descrições no artigo publicado em 1887<sup>30</sup> são particularmente esclarecedoras dos espaços e vegetação existentes no Horto. As plantas tropicais floresciam em socalcos, num terreno afundado, abrigado da exposição norte e com uma boa exposição a sul embora a água corrente existente (vinda do canal do Rio Frio) fosse imprópria para algumas culturas. As descrições do Horto referem que nos grandes declives predominava uma vegetação esplêndida, destacando as camélias, as roseiras e as azáleas<sup>31</sup>.

<sup>29</sup> Fonte: <http://gisaweb.cm-porto.pt/units-of-description/documents/621764/>.

<sup>30</sup> VIEIRA, 1887: 270-271.

<sup>31</sup> VIEIRA, 1887: 270-271.

Era comum encontrar neste Horto palmeiras de porte médio, pujantes com estipes grossos ou com estipes até 4 metros, fetos arbóreos australianos com caules de 3 metros que faziam abóbadas sobre os caminhos que percorriam o Horto, estufas e plantas aclimatadas já em produção, choupos e tulipeiros de grande envergadura plantados por Marques Loureiro quando se tornou empregado do Horto. As estufas frias eram ricas em exemplares do género *Cycas*, enquanto noutras prevaleciam fetos ou orquídeas e nos estufins dominavam as Cactáceas<sup>32</sup>. As estufas eram destinadas às multiplicações produtivas. Outras continham exemplares que, pela sua raridade e exotismo, eram prezados por Marques Loureiro e não estavam à venda<sup>33</sup>. Marques Loureiro produzia também muitas plantas hortícolas importadas do estrangeiro, como variedades de morangueiro, diospireiros do Japão, videiras de França, batateiras de Inglaterra. Também introduziu em Portugal diversas plantas forraginosas para formação de pastos ou para ração para gado.

## 1866: JARDIM BOTÂNICO DA ACADEMIA POLYTECHNICA DO PORTO

### HISTÓRIA

A vontade de estabelecer na cidade do Porto um Jardim Botânico da Academia Polytechnica partiu da Rainha D. Maria II no momento da reforma educativa dirigida pelo ministro Passos Manoel (Decreto de 19 de outubro de 1836). Esta reforma levou à decisão de construção de um Jardim Botânico, para um ensino da Botânica independente, prático e num jardim próprio para o efeito. Simultaneamente a esta reforma, dá-se a nomeação do Barão de Castelo de Paiva (António da Costa Paiva, 1806-1880) para lente da 10.<sup>a</sup> cadeira (Botânica), cabendo-lhe por isso, o título de 1.<sup>o</sup> professor de Botânica do Ensino Superior do Porto e, também, de 1.<sup>o</sup> Diretor do Jardim Botânico (embora este ainda não existisse na altura). Enquanto Diretor do Jardim, o Barão idealizou um espaço ajardinado nos moldes científicos europeus exigidos para um ensino completo da Botânica, elaborou um plano para a organização deste Jardim, criou regulamentos para o seu funcionamento e dos seus funcionários em Decretos aprovados pelo Conselho da Academia.

Em outubro de 1852, aquando a visita da Rainha D. Maria II à cidade do Porto, foi publicado o Decreto onde se outorgava uma área para o Jardim Botânico da Academia Polytechnica do Porto, num local das antigas instalações do Convento dos Carmelitas, junto à Travessa do Carregal, mas sem subvenção.

---

<sup>32</sup> VIEIRA, 1887: 270-271.

<sup>33</sup> VIEIRA, 1887: 270-271.

Em 1858 o Governo mandou entregar uma verba de melhoramento para o Jardim Botânico e é contratado para lugar de 1.º Oficial do Jardim – o Farmacêutico da Ordem da Santíssima Trindade, Francisco Pereira de Amorim Vasconcelos, para organizar o Jardim planeado pelo Lente Barão Castelo de Paiva. Este 1.º Oficial faz algumas excursões e visitas a jardins botânicos para recolha de sementes que foram cultivadas no Jardim, mas faleceu pouco depois e os cultivos foram interrompidos<sup>34</sup>.

Em 1860, outro regulamento é redigido<sup>35</sup>, com todas as obrigações e deveres do Diretor e do Oficial do Jardim e o desejo de construção de uma casa para aulas, biblioteca, herbários ferramentas, e, ao mesmo tempo, habitação do Guarda do Jardim. No entanto, os planos para terreno destinado ao Jardim continuavam por realizar<sup>36</sup>. Só em 1861 com a nomeação do 1.º Oficial, Agostinho da Silva Vieira (na altura também farmacêutico da Botica do Hospital de Santo António), começa a transformação real do local destinado ao Jardim. Este 1.º Oficial inicia a organização, colocação e classificação das plantas lá existentes. No entanto, por falta de um empregado que cuide do amanho do terreno, da cultura e rega das plantas os progressos são muito lentos.

Até ao ano de 1864 realizaram-se obras e plantações de arbustos e plantas que o Diretor do Jardim e o 1.º Oficial iam arrançando. Mas, dois terços do terreno continuavam alugados a um caseiro e o Diretor da Academia, João Batista Ribeiro, continuava a não reconhecer autoridade ao Lente Substituto Salles Cardoso, dispondo dos rendimentos do Jardim como entendia<sup>37</sup>. No entanto, em novembro de 1864, o Conselheiro Joaquim Torquato Alvares Ribeiro – que substituiu o Diretor João Batista Ribeiro – pôs imediatamente dinheiro à disposição do Jardim e permitiu que, 14 anos depois do terreno ter sido concedido à Academia, se comessem realmente obras significativas<sup>38</sup>. Em dezembro de 1864, começam oficialmente as obras com verbas, que apesar de insignificantes, permitiam iniciar a organização do plano de obras e fazer um levantamento detalhado do terreno. O objetivo a curto prazo era permitir que o Jardim se tornasse, para além de um local de ensino, um «agradável passeio», em frente à Praça do Duque de Beja, recentemente concluída e arborizada pela Câmara.

Em 1866 já se tinham redefinido e sustentado socalcos, reconstruído parte do muro exterior e edificado uma sala com 6 janelas, com 4,4 metros de altura e 44m<sup>2</sup> para guardar materiais de ensino e de cultivo do Jardim. No entanto, ainda se listavam necessidades vitais, tanto de infraestrutura como de pessoal para trabalhar e pernoitar no Jardim. Algumas destas necessidades serão satisfeitas,

---

<sup>34</sup> PIRES DE LIMA, 1937: 12.

<sup>35</sup> ANNUÁRIO DA ACADEMIA POLYTECHNICA DO PORTO, 1882: 99.

<sup>36</sup> SALLES CARDOSO, 1868-1883: 6.

<sup>37</sup> PIRES DE LIMA, 1937: 12.

<sup>38</sup> SALLES CARDOSO, 1868-1883: 7.

uma vez que, em 1878, apresenta-se um inventário dos objetos do Jardim bem como todas as plantas identificadas e cultivadas no Jardim<sup>39</sup> e reporta-se que tanto a casa do hortelão como a sala das aulas práticas estão decentemente mobiliadas e em exercício (Figura 5). No entanto, em 1883 são já exigidas reparações às grades e portões do Jardim, bem como ao telhado da «casa da aula», denunciando a contínua exigência de um Jardim com edificações práticas e fraco orçamento.



**Fig. 4.** Jardim Botânico da Academia Polytechnica da Universidade do Porto A: Vista a partir do Hospital de Santo António junto à Praça Duque de Beja. Desenho de autor anónimo<sup>40</sup>; B: Vista a partir da Travessa do Carregal com o Hospital de Santo António no fundo. Fotografia de Albumina de autor desconhecido<sup>41</sup>.

Em 1887 reportava-se que estava em construção uma estufa espaçosa e a existência de um pântano com gruta e mina de água, uma «escola de botânica» e uma porção de terrenos ajardinados para os visitantes<sup>42</sup>. Mas, neste momento em que o Jardim parece já bastante funcional, começam alguns movimentos e votações no seio da Academia – por vezes na ausência do próprio Diretor do Jardim, inicialmente Salles Cardoso e a partir de 1890 o Lente Amândio Gonçalves- no sentido de se ceder o terreno do Jardim Botânico para a construção do Instituto Industrial, resolvendo assim alguns dos problemas de espaço do edificio da Academia Polytechnica. Depois de muitas sessões e audições que envolveram vários Professores do Conselho da Academia Polytechnica<sup>43</sup>, o Governo, justificado pela pretensa ideia que o Jardim seria dispensável, cede em 1892, parte do

39 ANNUÁRIO DA ACADEMIA POLYTECHNICA DO PORTO, 1879: 54.

40 Fonte: ANNUÁRIO DA ACADEMIA POLYTECHNICA DO PORTO, 1879: página de rosto interior.

41 Fonte: Reserva de Fotografia do Museu Parada Leitão – MPL-6020FOT; Instituto Superior de Engenharia.

42 PIMENTEL, 1877: 87-88.

43 PIRES DE LIMA, 1937: 24.

Jardim ao Comando Geral da Guarda Municipal. Em 1899, a Academia recebe um empréstimo para conclusão das obras do seu edifício e para fazer frente aos encargos desse empréstimo apresenta o produto da venda do Jardim Botânico. Durante este processo o novo Lente de Botânica, Amândio Gonçalves, parece ter tido pouca intervenção ou capacidade de negociação.

## MISSÃO

A missão do Jardim Botânico da Academia Polytechnica do Porto, tal como se reconhecia no seio das Academias universitárias internacionais e após a Reforma do Ensino de Passos Manoel em Portugal<sup>44</sup>, era a da instrução prática dos alunos que frequentassem a Cadeira de Botânica ou de Agricultura, ou seja, um local de ensaios e ensinamentos práticos. Quando o terreno foi entregue em 1866 a Salles de Cardoso, este declara que o seu intento é organizar uma «Escola Botânica» – um recinto sistematicamente organizado que represente a diversidade botânica terrestre, aquática e exótica. Neste recinto, o Lente principal expunha os conteúdos teóricos e os Oficiais do Jardim, que acumulavam as funções de naturalistas e chefes dos trabalhos práticos, ensinavam os alunos a colher plantas e a organizar uma coleção de plantas prensadas e secas – os herbários – classificadas através de Floras como as de Brotero, Tournefort, Lineu e Jussieu. Aos estudantes de Botânica da Academia ou da Escola Médico-cirúrgica era permitida a entrada no jardim em horas fixas e compatíveis com as aulas.

Por outro lado, e apesar do espaço limitado de que o Jardim dispunha, ambicionara-se também a visitação de pessoas externas à Academia desde que acompanhadas pelo Diretor ou pelo 1.º Oficial. Estes visitantes estavam autorizados a pedir explicações sobre a organização científica do Jardim ou consultar obras botânicas, denotando a abertura da Academia para a partilha do conhecimento científico com cidadãos interessados.

## PLANTAÇÕES E CULTIVOS

Os planos deixados pelo Barão Castelo de Paiva para as plantações do Jardim Botânico incluíam exemplares de plantas indígenas e exóticas, no maior número possível e havendo ao menos uma espécie de cada Género de todas as Famílias botânicas conhecidas e organizadas pela classificação lineana. As plantas estariam todas numeradas e etiquetadas com o nome vulgar e observações necessárias, incluindo o seu carácter medicinal ou venenoso.

---

<sup>44</sup> PIRES DE LIMA, 1937: 4.

Quando o Diretor Salles Cardoso toma posse do cargo reporta que, antes de 1860, terão vindo para a Academia Polytechnica algumas plantas do estabelecimento «Chez Mrs. Frères Cels (Bauliene de Chaussée du Maine n.º 77) Paris». No entanto, diz não ter encontrado vestígios destas plantas no Jardim e assume que se tenham perdido<sup>45</sup>. Entrega, no entanto, um catálogo compilado pelo 1.º Oficial, Agostinho da Silva Vieira, das mais de 200 plantas anuais, bianuais e vivazes espontâneas no terreno destinado para Jardim Botânico. Em 1864 o Jardim incluía mais de 137 espécies novas e o 1.º Oficial tencionava atingir as 594 espécies das plantas existentes no Porto e seus subúrbios<sup>46</sup>.

Em 1865, declara-se estar terminado o trabalho de plantação de arbustos e árvores nos socalcos do Jardim. Os muros suportavam plantas trepadeiras e a Escola Botânica apresentava 1275 indivíduos dispostos segundo o método de De Candolle. Pelo menos até 1867 o 1.º Oficial e o Jardineiro hortelão faziam excursões nas proximidades do Porto e tinham trazido mais 80 espécies novas para o Jardim.

A estratégia de compilação das espécies representativas de todas as famílias passava não só pela recolha no campo, mas também pela aquisição de outras, ou pela doação a partir de jardins particulares. De facto, no ano 1867, como consequência da visita ao Jardim do Dr. Andrade Corvo, o Lente de Botânica da Escola Polytechnica de Lisboa e Ministro e Secretario d'Estado das Obras Públicas e Commercio em 1865, o 1.º Oficial do Porto vai a Lisboa escolher as plantas ao Jardim Botânico da Ajuda. Em 1868, foram novamente remetidas pelo Mestre do Jardim da Ajuda – Casimiro Raimundo da Silva Sant'Anna, mais plantas (150 espécies, das quais 100 novas no Jardim Botânico da Academia).

Foram registadas outras ofertas de plantas de jardins privados para o Jardim Botânico em 1867. Entre alguns nomes encontrados nos registos de agradecimento, figuram: João Carlos Gomes (farmacêutico de Ílhavo), Thomé de Sousa Pereira Veiga (farmacêutico de Braga), Alexandre Grant (diretor do «Colégio Inglez»), João Mendes Osório (proprietário), Adolpho Gustavo Ferreira Braga e Adriano Leitão (empregados do Governo Civil) e Joaquim de Santa Clara de Sousa Pinto (Lente da Academia).

Nos relatórios do Jardim de 1870 constam grandes listas de plantas que demonstram o dinamismo e reformulação das plantações. Surgem menções a Cactáceas, transplantes de plantas de porte arbóreo e arbustivo, menções a jardins de recreio e a socalcos completamente povoados com mais de 250 vasos (Figuras 1 e 4). Em 1872, o 1.º Oficial do Jardim, queixa-se da falta de verbas para manter o total de 1273 plantas dispostas no Jardim. Em 1879 reporta-se a existência de 1301 espécies de 138 Famílias cuja manutenção era bastante dispendiosa e, por vezes, interrompida<sup>47</sup>. Em

---

45 SALLES CARDOSO, 1868-1883: 5.

46 PIMENTEL, 1877: 87.

47 ANNUÁRIO DA ACADEMIA POLYTECHNICA DO PORTO, 1879: 52.

1882<sup>48</sup> refere-se a conclusão da plantação de 272 espécies de uma lista de 71 Famílias de interesse etnobotânico como planeado e custeado pelo Barão Castelo de Paiva, que desejou uma «Escola Medicinal».

No anuário de 1882-1883 são elencados 3 doadores de plantas para o Jardim: o Dr. Júlio Henriques, Diretor do Jardim Botânico de Coimbra (50 espécies); José Marques Loureiro, horticultor (12 espécies); Viúva de Zeferino Mattos (mãe de Jacintho de Mattos, importante horticultor e projetista de jardins) (18 espécies). Em 1883 receberam-se ainda através do Dr. António Joaquim Ferreira da Silva, lente de Química da Academia Polytechnica, plantas e sementes enviadas a partir do estabelecimento «M. R. Oliveira Real & C.<sup>a</sup> – Loja da Tulipa – Rua do Hospício 5 – Rio de Janeiro» para as estufas do Jardim Botânico. Infelizmente, Salles Cardoso relata que, por não haver ainda estufa própria para a sua cultura, as plantas ainda vivas e sementes foram entregues ao horticultor José Marques Loureiro para as cultivar nas suas estufas do Horto das Virtudes até que possam ser cultivadas no Jardim.

Em 1883, é publicado pela primeira vez num Anuário da Academia Polytechnica do Porto, o «*Index seminum horti botanici academiae polytechnicae portu-calensis*», com centenas de espécies disponíveis para troca o que atesta a quantidade envolvida de trabalho na recolha, secagem, indexação e trocas de sementes com outros jardins botânicos e o dinamismo e atualização das práticas científicas da Direção e funcionários envolvidos<sup>49</sup>.

## ESPAÇOS REMANESCENTES DA TRÍADE BOTÂNICA

Até 1903 ainda surgem registos nas atas do Conselho da Academia de verbas para transplantes das plantas do Jardim Botânico da Academia Polytechnica para o Horto das Virtudes<sup>50</sup>. Esta data poderá ser considerada como a última referência de existência do Jardim Botânico no seu primeiro local. Não se sabe até que ponto estes transplantes se realizaram, mas o terreno foi sendo ocupado por várias edificações da Guarda Nacional Republicana e, mais tarde, do Departamento de Medicina Legal, como se pode constatar pela modificação do espaço ajardinado na Figura 5. Da memória física do Jardim Botânico restam o muro e gradeamento quase intactos e imponentes na frontaria de todo o terreno.

---

48 ANNUÁRIO DA ACADEMIA POLYTECHNICA DO PORTO, 1883: 137.

49 ANNUÁRIO DA ACADEMIA POLYTECHNICA DO PORTO, 1883: 204.

43 PIRES DE LIMA, 1937: 30.

50 ANTUNES, 2017: 149.



**Fig. 5.** A: Foto aérea da cidade do Porto datada de 1947<sup>51</sup>. B: Imagem aérea da cidade do Porto<sup>52</sup>.

Quanto à modificação do Horto-pharmacêutico, esta realizou-se muito precocemente já que no relatório de 1877-78, se refere que o Campo do Hospital foi terraplanado e arborizado para passeio dos convalescentes do estabelecimento hospitalar<sup>53</sup>. Já em 1885 refere-se que o recinto da cerca do hospital tinha sido ajardinado e preparado para horto agrícola-pharmacêutico, ficando dividido para recreio dos doentes dos dois sexos, exigindo isso a construção de uma escadaria de cantaria para acesso da galeria das mulheres<sup>54</sup>. No relatório de 1886/87 surge a queixa que o jornaleiro responsável realizava insuficientemente o seu amanho e conservação e este trabalho adjudicou-se ao horticultor Marques Loureiro<sup>55</sup>. Conforme os Orçamentos Gerais de Receita e Despesa do Hospital as despesas com plantação, conservação, arborização, jardinagem e arrumamento são uma constante até 1889, aparecendo posteriormente, entre 1893 a 1898, menção na rubrica «Despesa Facultativa» à «arborização e compra de sementes medicinaes para os jardins»<sup>56</sup>. Já em 1909 segundo relatório apresentado pela Direção Administrativa, descreve-se a transformação da cerca num parque cheio de largos arruamentos, concorrendo para a melhor higiene do hospital, maior beleza e útil agrado dos pacientes (Figura 6)<sup>57</sup>.

51 Fonte: Imagem fornecida pelo Centro de Informação Geoespacial do Exército.

52 Fonte: Goole Earth (Setembro 2019).

53 SANTA CASA DA MISERICÓRDIA DO PORTO, 1877-1878: 73.

54 SANTA CASA DA MISERICÓRDIA DO PORTO, 1885-1886: 159, 184.

55 SANTA CASA DA MISERICÓRDIA DO PORTO, 1886-1887: 235.

56 SANTA CASA DA MISERICÓRDIA DO PORTO, 1883-1898: fl. 4; 9v; 16v; 21v; 26; 31; 56v; 61; 69; 76; 89.

57 SANTA CASA DA MISERICÓRDIA DO PORTO, 1908-1909: 484.



**Fig. 6.** Hospital de Santo António 1908-1909. Vista dos espaços remanescentes da zona que terá sido o Horto-pharmacêutico – ainda são visíveis as plantas arbustivas e arbóreas que terão sido plantadas em meados do século XIX. Em cima: «um trecho da parte posterior e a cerca»; em baixo à esquerda: «Pavilhão Dona Maria Pia (para senhoras)»; em baixo à direita: «Pavilhão D. Manuel II (para homens)». Clichés de Duarte de C. Motta Júnior. Simili-grav. De M. Abreu<sup>58</sup>.

Em 1965, a Câmara Municipal do Porto adquire o Horto das Virtudes com o objetivo de o abrir ao público. Para tal procedeu ao restauro do espaço, realizou obras de adaptação com vista à criação de um parque público e ligando os socacos por uma escadaria que percorre toda a encosta. Da presença de Marques Loureiro neste espaço e do seu magnífico Horto permanecem apenas algumas construções em betão armado, referidos nos tratados e manuais da arte dos jardins da época como obras “rustiques” ou em “rocailles”<sup>59</sup>, compreendendo

<sup>58</sup> Fonte: Centro Hospitalar Universitário do Porto: Museu.

<sup>59</sup> RACINE, 2002.

bancos e varandins imitando troncos de árvores, assim como caramanchões para crescimento de plantas. Para além destes elementos, ainda subsiste parte do portão da entrada do Horto e outros vestígios que estão no espaço. Os socalcos que, há um século atrás, possuíam uma espantosa diversidade de plantas, dispostas de acordo com princípios botânicos, estéticos e comerciais, estão transformados em relvados. Foi também feito o restauro das áreas envolventes, nomeadamente os acessos à Fonte das Virtudes.

Na atualidade, esta tríade de espaços tem missões diferentes das originais, e cada um dos espaços mantém apenas vestígios do que foi o seu apogeu botânico (Figuras 5 e 6). No entanto, o Horto das Virtudes é claramente o que mantém mais patente a natureza ajardinada e de usufruto de qualquer cidadão que o pretenda visitar. Já os espaços do Jardim Botânico e do Horto-pharmacêutico são de difícil visitação por se tratarem de espaços muito modificados e de edificação de instituições públicas, mas com acessos vedados.

## AGRADECIMENTOS

Queremos agradecer ao Professor José Alberto Gonçalves (FCUP – DGAOT),   Dr.<sup>a</sup> Ana Paula Portela,   Dr.<sup>a</sup> Marisa Monteiro (MHNC-UP),   Dr.<sup>a</sup> Patrícia Costa (Museu Parada Leitão – ISEP), ao Dr. Manuel Miranda Marques (CEGOT) e   Dr.<sup>a</sup> Ana Freitas (U.PORTO) pela ajuda concedida neste trabalho. Gostaríamos de agradecer o apoio da «Portuguese Infrastructure of Scientific Collections» – POCI-01-0145FEDER-022168 (PRISC.pt) pelas condições proporcionadas   realização deste trabalho. Gostaríamos também de agradecer aos revisores pela leitura e sugestões construtivas a versões anteriores do documento.

## BIBLIOGRAFIA

- ANDRESEN, Teresa; MARQUES, Teresa Portela (2001) – *Jardins Históricos do Porto*. Lisboa: Edições Inapa.
- ANNUÁRIO DA ACADEMIA POLYTECHNICA DO PORTO (1879) – Anno Lectivo de 1878-1879. Porto: Typographia Central.
- \_\_\_\_\_. ed. (1882) – *Anno Lectivo de 1881-1882*. Porto: Typographia Central.
- \_\_\_\_\_. (1883) – *Anno Lectivo de 1882-1883*. Porto: Typographia Central.
- AN NIMO (1913) – *O Professor Agostinho da Silva Vieira*. «O Tripeiro», 3<sup>o</sup> ano (106):535.
- ANTUNES, Ana Catarina (2017) – *O Jardim Botânico da Academia Politécnica do Porto (1836-1903)*. In *Jardim Botânico do Porto, 150 Anos de Culto pelas Plantas*. Lisboa: Arte e Ciência.
- \_\_\_\_\_. (2019) – *A influência alemã na g nese da Arquitetura Paisagista em Portugal*. Tese de doutoramento, Departamento de Geociências, Ambiente e Ordenamento do Território. Universidade do Porto.

- CABRAL, J. P. (2007) – *A fundação da Botânica Moderna em Portugal – Júlio Henriques, A. X. Pereira Coutinho E Gonçalo Sampaio*. Vol. vol. XXXIII, Memórias da Sociedade Broteriana: Departamento de Botânica da Universidade de Coimbra.
- MARQUES, Teresa Portela (2012a) – *Do papel pioneiro dos horticultores do Porto*. «O Tripeiro», XXXI (2): 41-47.
- \_\_\_\_ (2012b) – *Horticultura e Jardinagem-Paisagista e a Construção do Porto do Romantismo*. I Congresso O Porto Romântico, Porto, 29 a 30 de Abril de 2011.
- OLIVEIRA JUNIOR, Duarte (1898) – *Homenagem a José Marques Loureiro*. «Jornal Horticola-Agrícola II» (6): 273-288.
- PIMENTEL, Afonso (1877) – *Guia do Viajante na Cidade do Porto e seus arrabaldes*. Porto: Livraria Central.
- PIRES DE LIMA, Américo (1937) – *A Botânica na Academia Politécnica do Pôrto*, 1.º Centenário da Academia Politécnica e da Escola Médico-Cirúrgica. Porto.
- \_\_\_\_ (1942) – *A Botânica no Porto. Notas biográficas e bibliográficas*. Comunicação ao Congresso da Actividade Científica, Coimbra 1940.
- RACINE, Michel, ed. (2002) – *Créateurs de jardins et de paysages en France du XIXe siècle au XXIe siècle*. Vol. Tome 2. Arles: Actes Sud-École Nationale Supérieure du Paysage.
- SALLES CARDOSO, Francisc (1868-1883) – *Decima Cadeira da Academia Polythecnica e Jardim Botanico 1º*. In Manuscrito não publicado de Francisco de Salles Gomes Cardoso, lente da X Cadeira (Botânica), Academia Polytechnica do Porto.
- SAMPAIO, Gonçalo (1896) – *Estudos de Flora Local. I. Vasculares do Porto*. «Revista de Sciencias Naturaes e Sociaes», IV (15): 150-158.
- SANTA CASA DA MISERICÓRDIA DO PORTO (1856-1857) – *Relatórios da Mesa Administrativa da Santa Casa da Misericórdia do Porto*.
- \_\_\_\_ (1858-1859) – *Relatórios da Mesa Administrativa da Santa Casa da Misericórdia do Porto*.
- \_\_\_\_ (1877-1878) – *Relatórios da Mesa Administrativa da Santa Casa da Misericórdia do Porto*.
- \_\_\_\_ (1883-1898) – *Livro de Orçamentos Gerais e Despesa do Hospital de Santo António*.
- \_\_\_\_ (1885-1886) – *Relatórios da Mesa Administrativa da Santa Casa da Misericórdia do Porto*.
- \_\_\_\_ (1886-1887) – *Relatórios da Mesa Administrativa da Santa Casa da Misericórdia do Porto*.
- \_\_\_\_ (1908-1909) – *Relatórios da Mesa Administrativa da Santa Casa da Misericórdia do Porto*.
- VIEIRA, Agostinho Silva (1859) – *Melhoramento e reformas: Horto-pharmacêutico*. «Gazeta Medica do Hospital de Santo António», 1 (9): 44.
- \_\_\_\_ (1865) – *Regulamento Interno da Botica do Hospital de Santo António da Cidade do Porto*. Porto: Typographia de Manoel José Pereira.
- \_\_\_\_ (1887) – *Uma Visita ao Horto Loureiro*. «Jornal de Horticultura Pratica» XVIII: 270-271.